

JESUS BELLO GALVÃO
(S. Luís, MA, 6/4/1917 – Curitiba, PR, 27/8/2001)

Rosalvo do Valle
UFF

No dia 27 de agosto deste ano faleceu em Curitiba, Paraná, o Prof. Jesus Bello Galvão, sucessor de M. Said Ali na cadeira nº 22 da Academia Brasileira de Filologia, desde 1954. Maranhense de S. Luís, nasceu no dia 6 de abril de 1917. Filho de Oswaldo do Lago Galvão e de Antônia Bello Galvão, tinha como avô paterno o Dr. Óscar Lamagnère Leal Galvão, contemporâneo, mais moço, de Gonçalves Dias e aparentado próximo de Antônio Henriques Leal, o consagrado autor do *Panteon Maranhense*. Desse avô paterno, “médico e poeta, também primo do gramático Pedro Nunes Leal e do poeta Trajano Galvão de Carvalho, autor das *Sertanejas*”, supõe Jesus ter herdado, por “alguma *coincidência biogenética*” o “Amor e dedicação às Letras, versadas em nosso Idioma Luso-brasileiro” (Gonçalves Dias – *O Homem e a Obra*, p. 24 e 25).

Sobre o seu nascimento e das razões de seu nome, nada como ler o poema *Meu Nome*, primeiro dos *Versos de Antiga Mente* – assim mesmo, como no português arcaico em que o adjetivo e o substantivo ainda conservavam sua autonomia mórfica e semântica, a lembrar a origem latina *antiqua mente*. Vale a pena transcrevê-lo na íntegra para que os leitores das obras técnicas de Jesus Bello Galvão também lhe conheçam a não menos rica feição poética.

MEU NOME

Nasci em morada-inteira
justo na Rua da Paz,
canto co'a Rua da Cruz
o que, confesso, me apraz.

Flor de Lys foi quem me disse,
em noite do Maranhão
que eu nasci naquela casa
ao passar a Procissão...

Procissão do Senhor Morto,
que morreu pra nos salvar,
igualzinho ao recém- nato
que também há de acabar...

Por que que me batizaram
co'esse nome tão bonito?
– “ Foi pra te fazer feliz !”
Mas eu vivo tão aflito ! ...

Nome que bem bendizia
de meus pais a devoção
– é que eu nasci sexta-feira
Sexta-Feira da Paixão...

Que aflição ! Que medonha !,
que eu não creio que Jesus,
descendo à Terra de novo,
não suba de novo à Cruz !

Se jamais prever eu pude
eu, pelo menos, supus
que, sendo filho de Deus,
eu me chamasse – Jesus ! ...

“Confeitaria Iguaçu”, Ctba., 16.07.84

Em S. Luís cursou o primário na Escola Benedito Leite, ainda hoje existente, embora noutro local. Vindo para o Rio de Janeiro, fez o curso secundário no Internato do Colégio Pedro II, em São Cristóvão, onde foi colega e amigo do futuro crítico literário, professor e historiador da literatura Carlos de Assis Pereira, seu “Irmão em Alma” – uma bela amizade que continuou no curso Superior de Letras, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade

do Brasil –, e no magistério na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, S. Paulo.

Fez brilhante carreira no ensino médio e no superior, tendo sido professor do Colégio Pedro II, da antiga Escola Técnica Nacional (hoje CEFET-RJ), da Faculdade de Filosofia da Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ), da Universidade Federal do Paraná, do Instituto Rio Branco do Itamarati, e do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, onde se aposentou em 1981 como Professor Titular de Literatura Portuguesa. Pertenceu a várias associações culturais, como a Academia Brasileira de Filologia, o Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Literatura. Doutorou-se em Letras pela Universidade do Estado da Guanabara (UERJ), de que era livre docente em Língua Portuguesa. Exerceu funções importantes na alta administração do país. No exterior, foi Diretor do Centro de Estudos Brasileiros, no Peru.

Deixou rica bibliografia em que se contam trinta e sete títulos, relacionados pelo próprio autor em *Apontamentos de Leitura – Lendo João Ribeiro, II* (Curitiba, 1992), seu último livro. As obras revelam o intelectual multiface e perspicaz que tratou – às vezes com insuperável acuidade crítica – de assuntos diversos no campo da lingüística, da filologia e da literatura. E foi também poeta, merecedor de crítica consagradora de outro maranhense notável, Oswaldino Marques. Pertencente àquela admirável geração de 1917 – que nos deu um Serafim da Silva Neto, um Celso Cunha, um Gládstone Chaves de Melo –, Jesus Bello Galvão recebeu dos grandes mestres portugueses e brasileiros a boa formação filológica, entendida, então, Filologia como “o estudo da nossa língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua” (Leite de Vasconcelos). Com essa visão lata, estudou com igual desvelo e sensibilidade tanto um texto de Gil Vicente (*O Salmo do Miserere mei, Deus*), como um texto de Bernardes (*Como passam mil anos diante de Deus*), ou um texto, igualmente antológico de música popular brasileira, *Chão de Estrelas*, de Orestes Barbosa.

Sem demérito dos demais títulos e dos assuntos tratados, parece unânime entre os especialistas e estudiosos de língua portuguesa o juízo de que a contribuição de maior alcance são os estudos estilísticos, entre os quais, por sua abrangência e grande valia para os estudantes de Letras, merece referência especial o livro *Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa* (1ª edição, 1954), obra que mereceu da Academia Brasileira de Letras o Prêmio João Ribeiro.

Na recensão crítica a esse livro, publicada na *Revista Brasileira de Filologia*, vol. I – tomo I, junho, 1955, p. 66-70, o Prof. Silvio Elia faz alguns

reparos a posições teóricas do autor, expõe – como, aliás, sempre procedia – claramente suas divergências doutrinárias, reconhecendo, contudo, que, se trata de “obra meditada, que busca refugir à rota das mezinhas gramaticais”... “trabalho escrito com honestidade e espírito científico por quem se revela capaz de empreender os estudos estilísticos que os nossos grandes autores estão a exigir” (p.69).

Registre-se, também, que sem refugar os grandes nomes da estilística da época – e de hoje! – (Vossler, Spitzer, Marouzeau...), Jesus Bello Galvão é (parece-me) o único de nossos estilicistas que valorizou, com aguda sensibilidade, um livrinho instigante – *A língua portuguesa e seus mistérios* –, do notável polígrafo português Jaime de Magalhães Lima, um não-especialista dotado de fina intuição lingüística, que está a merecer um estudo mais demorado.

Outro registro que só pode exaltar o arrojado maranhense é o destemor em manifestar sua posição em questões referentes ao sempre desejável bom relacionamento cultural luso-brasileiro que, contudo, poderiam denegrir a nossa imagem. Refiro-me ao incômodo episódio com o eminente Prof. M. Rodrigues Lapa, agora divulgado em *Confluência 22* em pronunciamento do Prof. Glástone Chaves de Melo – assunto sobre o qual Jesus Bello Galvão já se manifestara na Academia Brasileira de Filologia, na sessão de 29/12/1962, tendo sido o texto publicado no *Jornal do Comércio* de 6/1/1963. O *Correio da Manhã* de 6/7/63 noticiou o fato com o título de “O Ensino de Literatura Portuguesa no Brasil”.

Fique nesta notícia não só o reconhecimento da importância da obra do ilustre filólogo maranhense-carioca, digna de um estudo crítico que examine algumas opiniões consideradas “ousadas” – fruto de um espírito irrequeto que às vezes não pôde conter os arroubos de uma criatividade não menos ebuliente. Fique também registrada a saudade de todos os que privaram do convívio do querido amigo, um dos quais e dos mais íntimos, o Prof. Antônio José Chediak, lhe dedicou o primeiro volume da *Síntese Histórica da Academia Brasileira de Filologia* (1944-1946) – primeira parte, Rio, 1999, ainda inédito.

O autor desta notícia teve o privilégio de homenagear o mestre maranhense-carioca em palestra lida na Academia Maranhense de Letras no dia 29/11/2001, a ser publicada na revista daquela ilustre Casa de Cultura, sob a presidência do Acadêmico Jomar Moraes, cuja obra, já considerável, honra a cultura maranhense e a cultura brasileira.

BIBLIOGRAFIA DE JESUS BELLO GALVÃO

In: Apontamentos de Leituras – Lendo João Ribeiro:

II – Páginas de Estética [a modo de Roteiro para

Ler João Ribeiro]. Curitiba, 1992, p. 183-186

O Salmo de Miserere Mei Deus, de Gil Vicente. Rio, 1939. (Tese de Concurso para Catedrático das Escolas Normais do Estado do Rio de Janeiro).

O Pleonasma e mais Dois Estudos da Língua Portuguesa. E.T. Nacional, Rio, 1949.

Fenômenos de Sintaxe Ideológica e Afetiva na Língua Portuguesa. Rio, 1949. (Tese de Concurso para Catedrático do Colégio Pedro II).

Leituras Brasileiras – Textos, Gramática, Exercícios, Editora Nacional, Rio, 1950, com reedições.

Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa. Ed. Organizações Simões, Rio, 1954, reeditado em 1967, sob o título *Língua e Expressão Artística* (Subconsciência e afetividade na Língua Portuguesa), Civilização Brasileira, Rio. Em 1979, com o título original, *Subconsciência e Afetividade na Língua Portuguesa*, 3ª edição., rev. e aum., Ao Livro Técnico S.A., Rio de Janeiro.

Língua, Cultura, Ensino – Fundamentação lingüística, Síntese crítica, objetivos e meios. Cidade de Assis, S.P., 1962. (Tese para obtenção do Grau de *Docente Livre* em Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o de *Doutor em Letras* da então Universidade do Estado da Guanabara (hoje UERJ)).

Interpretação Lingüística – (Roteiro Crítico), Lisboa, 1964. Separata do Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa, sob a direção do Prof. Machado.

Como Passam Mil Anos Diante de Deus, do Pe. Manuel Bernardes, Suplemento da Revista “Brasília”, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, 1964.

Lua, Saudade Crepuscular, In *Chão de Estrelas – Poesias Escolhidas de Orestes Barbosa*. J. Ozon Editor, Rio, 1965.

Língua Aprendida, Cultura Adquirida. J. Ozon Editor, Rio, 1966

Programação do Ensino e Desenvolvimento Econômico, Ed. Bloch, Rio, 1966.

A Literatura Brasileira em Língua Portuguesa – Fundamentos Lingüísticos, Separata da Revista de Letras, Vol. X, 1967, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, S.P..

Palavra e Estrutura. DASP (CDA), Rio, 1968.

Fonema e Estrutura, In Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho). Organização Simões, ed., p. 107-119, Rio, 1968.

A “Chuva-Maria”, de Drummond, In Littera, nº 1, Grifo, Edições, Rio, 1971.

A Crítica Lingüística e Crítica Literária, In Littera nº 3, Grifo Edições, RJ, 1971.

Crítica Literária em Crítica, In Revista Campograndense de Cultura nº 2, Campo Grande, Rio, 1972.

O Idioma Nacional no Ensino Técnico – Considerações Metodológicas. Escola Técnica Federal “Celso Suckow da Fonseca”, Rio, 1976.

Marco Iniciante e Realidade da Literatura Brasileira, In Linguagem, I, 1. Revista do Instituto de Letras, da Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 1978.

Crítica Estilística e Crítica Literária. In Conferências e Comunicações – IV Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis/UNESP, Assis, S.P., 1980.

“Oficina Irritada” – Intratextualidade Drummondiana. In Letras Fluminenses, nº 21, Niterói, 1980.

“Língua-Escrita e Língua-Lida”. In Enfoque I, nº 1, FAPERJ e Academia Brasileira de Filologia, Rio, 1981.

Oração do Amor da Pátria (Com um estudo – “Camões, O Amor da Pátria e o Bem-Comum”). Editora Lítero-Técnica Curitiba, 1982.

Recesso Docente (Aula Inaugural no Instituto de Letras, UFF, quando de sua aposentadoria; Niterói, 27/8/1981). Editora Lítero-Técnica, Curitiba, 1982.

Eles em Mim (Ensaio I) – Pe. Manuel Bernardes e Carlos Drummond de Andrade. Editora Lítero-Técnica, Curitiba, 1982.

Crítica Estilística e Crítica Literária. Editora Lítero-Técnica, Curitiba, 1983.

Eles em Mim (Ensaio II) – Lima Barreto e Armando Fontes. Editora Lítero-Técnica, Curitiba, 1983.

Língua e Gramática – Língua e Estilística, In FURB – Revista de Divulgação Cultural, Ano 7, nº 21, março, 1984, Blumenau, Santa Catarina.

- A “*Ismália*” de *Alphonsus*. Editora Lítero-Técnica, Curitiba, 1985.
- Um Guardador de Rebanhos*, de *Alberto Caeiro* (Pessoa), In *Ensaio Pessoaanos*, Instituto de Letras – UFF, Niterói, RJ, 1985, p. 13-43.
- Os Sonetos – e um Soneto – de Simões*, p. 75-85, In *Sonetos Escolhidos*, Philobiblion, Cta., 1986, de João Manuel
- Versos de Antiga Mente*, 86 p., Editora Lítero-Técnica, Curitiba, 1986.
- Versos, Meus Cotidianos*, 71 p., Editora Lítero-Técnica, Cta., 1987.
- Gonçalves Dias – O Homem e a Obra – 23 p.*, In *Discurso de Saudação*, José Braz Ventura, *Discurso de Posse*, Jesus Bello Galvão/ cadeira nº 17/ Academia Teresopolitana de Letras (A.T.L.), RJ – 31/10/1987, Liv. Editora Cátedra, RJ., 1987.
- Dois Poetas Paranaenses – Emiliano Pernetta e Tasso da Silveira*, Palestra de estréia como Associado eleito do Centro de Letras do Paraná, 1990 (Inédito).
- Apontamentos de Leituras – Lendo: I – João Ribeiro*, Gráfica Editora Rocha Ltda., 1991.
- Apontamentos de Leituras – Lendo : João Ribeiro (II – Páginas de Estética)*, 1992. Gráfica Editora Rocha. Cta., PR.